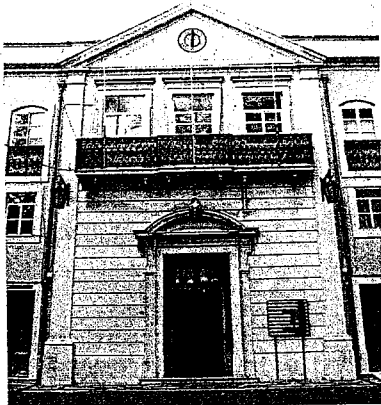


# PAVILHÃO DE SEGURANÇA ENFERMARIA MUSEU

HOSPITAL  
MIGUEL BOMBARDA



## 1. Hospital Miguel Bombarda Tradição e modernidade

O Hospital Miguel Bombarda, o primeiro hospital psiquiátrico do país, foi fundado em 1848 por iniciativa do chefe de governo Duque de Saldanha, vencendo anos de indecisões quanto ao local e requisitos apropriados.

Então "Hospital de Alienados em Rilhafoles", ficou instalado no antigo convento da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, para onde foram transferidos os doentes até aí tratados em duas superlotadas enfermarias do Hospital de S. José. O edifício havia sido erguido no século XVIII na antiga Quinta de Rilhafoles, adquirida em 1720 por aquela ordem religiosa.

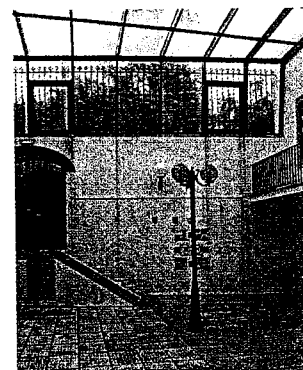
A já longa e rica história do Hospital testemunha a permanente luta do homem para vencer as doenças mentais e reflecte as diferentes concepções de terapêutica e de hospitalização prevaletentes em cada época. Desde a fundação foram seus directores figuras marcantes da medicina portuguesa como Caetano Beirão, Francisco Pulido, Miguel Bombarda, Júlio de Matos ou Sobral Cid. Outros médicos ilustres aprofundaram na instituição investigações de ponta, salientando-se Mark Athias e Egas Moniz, este premiado com o Nobel em 1949. Também o ensino foi vertente a merecer destaque, desde o primeiro curso de psiquiatria no país, aqui ministrado em 1896.

O nome da instituição homenageia o Prof. Miguel Bombarda (1851-1910), académico brilhante, prestigiado e influente, dirigente do comité civil da revolução republicana de 1910, mas sobretudo o seu mais notável director, em cujo consulado (1892-1910) se verificou uma profunda transformação da assistência, quer nos métodos de tratamento, quer nas estruturas físicas, quer ainda na organização e funcionamento.

Actualmente o Hospital dispõe de equipas pluridisciplinares, aplica os mais modernos meios terapêuticos e encontra-se cada vez mais vocacionado para a reabilitação e integração social dos doentes na comunidade. O Hospital está dotado de 400 camas, um recente Hospital de Dia e dispõe de consultas e área de dia em Sintra e Almada.



O Prof. Miguel Bombarda,  
óleo de Veloso Salgado,  
pormenor

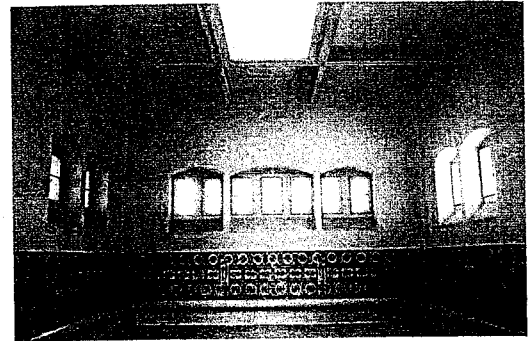


Hospital de Dia  
Uma vista do pátio e a sala de convívio



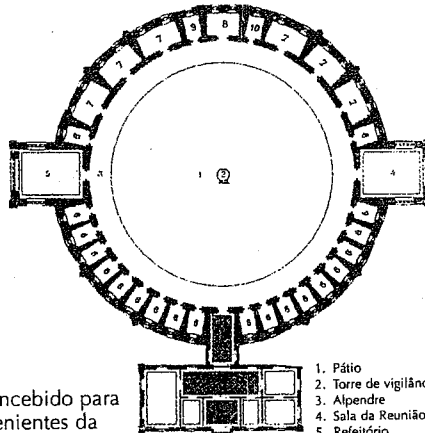
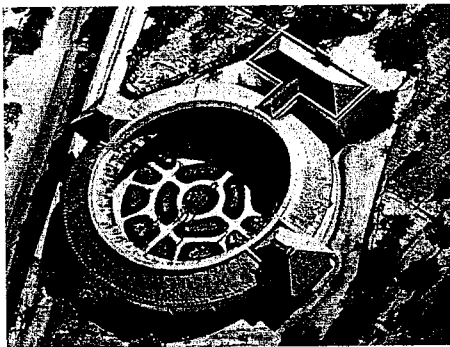
## 2. O Pavilhão de Segurança

O núcleo museológico do Hospital Miguel Bombarda, designado "Pavilhão de Segurança, Enfermaria-Museu", é constituído por várias colecções de objectos e documentos, e ainda pelo próprio edifício que as alberga, a exemplo das "casa-museu". Não é um edifício onde se instalou um museu, o próprio edifício constitui a componente mais valiosa e emblemática do museu, enquanto surpreendente peça de arquitectura-arte. Edifício que o público tem o direito de usufruir, sentir e compreender o mais integralmente possível, sem elementos perturbadores de leitura, e por isso se preferiram espaços abertos e cenografias de exposição muito simples e aparentemente rudes.



Sala de Reunião do Pavilhão de Segurança

Vista aérea do Pavilhão de Segurança, em Novembro de 1948



1. Pátio
2. Torre de vigilância
3. Alpendre
4. Sala de Reunião
5. Refeitório
6. Celas
7. Dormitórios
8. Casa de Banhos
9. Lavatório
10. Retretes
11. Zona de enfermagem e apoio, átrios

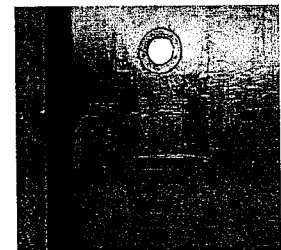
O Pavilhão de Segurança (1892-1896) foi concebido para enfermaria-prisão, destinado a doentes provenientes da penitenciária, ou perigosos, não devendo ser confundido com uma enfermaria psiquiátrica típica da época. Funcionou desde 1896 até 2000, quando foi desactivado. De enorme carga dramática, constitui, paradoxalmente, pela sua originalidade e beleza, edifício de excepcional valor, até em termos internacionais, já considerado pelo IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) em 2001, imóvel de interesse público, em vias de classificação, no seguimento de candidatura apresentada pelo Hospital.

O edifício materializa toda uma concepção de acentuada racionalidade, não só clínica como social, ligada ao pensamento de Miguel Bombarda: desenho arredondado e sem arestas das superfícies dos bancos e dos vãos das portas (para evitar contusões aos doentes); planta circular rigorosamente simétrica (símbolo de razão e perfeição), parcialmente influenciada pelo sistema panóptico (vigilância com torre a partir de um ponto central) mas com características nacionais (pátio a descoberto e bancos de "estar").

Por outro lado, representa um expoente de como, em arquitectura, uma "função" específica é susceptível de gerar uma "forma" de elevado nível. A forma adequa-se à função, tanto na organização geral dos espaços como em múltiplas partes e detalhes: circular para permitir a vigilância, telheiro suspenso para evitar a fuga, um só acesso ao exterior, solidez de toda a construção, bancos e vãos de portas arredondados, frestas opostas para ventilação, pavimentos inclinados facilitando a limpeza, salas com iluminação zenital, etc.

Realce-se ainda o vanguardismo das superfícies arredondadas, tanto no interior como no exterior do corpo circular, claramente erigidas em nova linguagem formal, próxima das que o design industrial e a arquitectura exibirão uns 30 anos mais tarde.

A torre de vigilância panóptica do Pavilhão de Segurança em 1899



### 3. Acervo do Museu

Os visitantes poderão observar o ambiente recriado do interior de uma cela e dependências como o lavatório e a sala de reunião, com banco corrido e silhares de azulejos. Noutras salas exhibe-se parte das colecções e objectos do acervo do primeiro hospital psiquiátrico do país, testemunho da evolução da assistência médica e de enfermagem neste domínio:

**Equipamento Clínico**, de laboratório (microscópios), de diagnóstico (neurologia, electrocardiografia, oftalmologia), de terapia (aparelhos de convulsivoterapia) e outros, salientando-se uma caixa de ferros cirúrgicos utilizados pelo Prof. Egas Moniz;

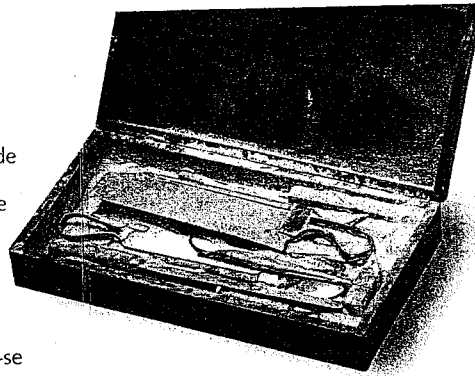
**Arquivo Fotográfico**, com mais de três centenas de fotografias, destacando-se a colecção de análises / retratos de doentes realizadas há cerca de 100 anos no Hospital Real de S. José e a colecção Dr José Fontes sobre o quotidiano do hospital em 1968;

**Documentos diversos**, registando a história do Hospital e do Pavilhão de Segurança;

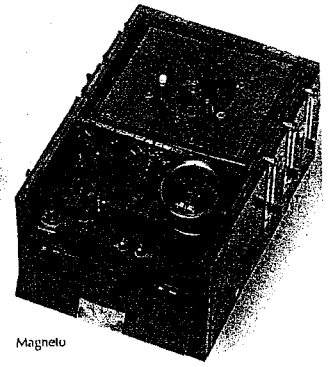
**Equipamento e Mobiliário**, autoclaves, macas, uma central telefónica do início do séc. XX, armários e cadeiras de design hospitalar dos anos 30 e 40;

**Arquivo Clínico e Administrativo**, Livros de registo de doentes, processos clínicos desde 1848, relatórios anuais da direcção, livros de pessoal;

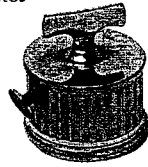
**Arquivo de desenhos e pinturas**, elaboradas por doentes.



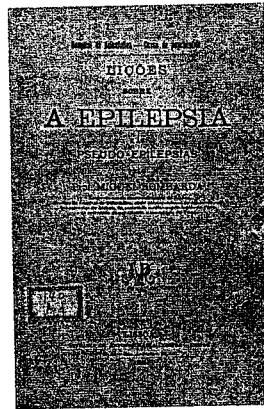
Ferros cirúrgicos do Prof. Egas Moniz.



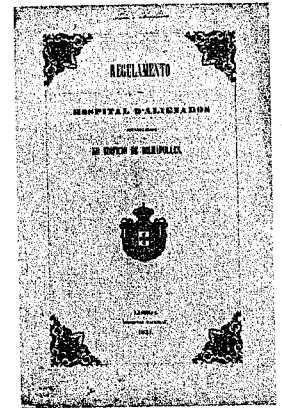
Magneto



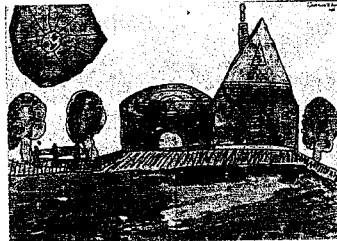
Escarificador



Lições sobre a Epilepsia, de Miguel Bombarda, 1896, edição do Hospital, para o 1º curso de psiquiatria do país.

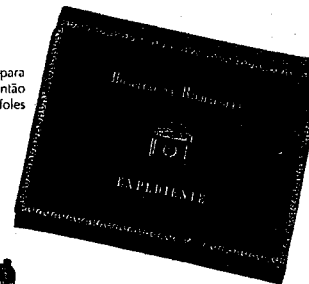


O Regulamento do Hospital, de 1851

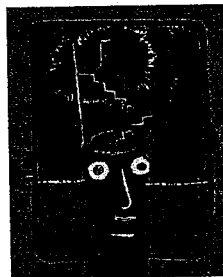
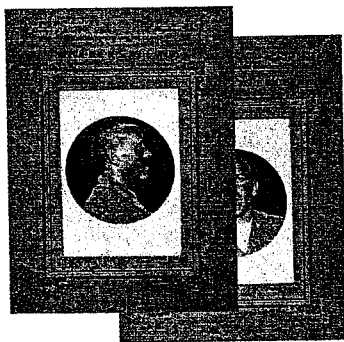


Desenhos e pinturas de doentes

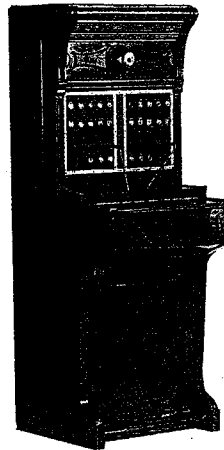
A pasta para o "expediente" do então Hospital de Rilhafoles



Análises / retratos



Central telefónica



Sino de 1640



## 4. Outro património

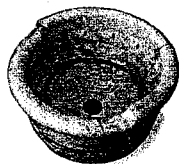
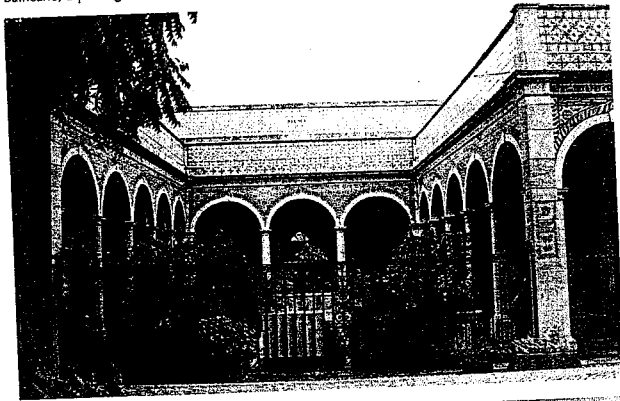
**Balneário** (1853). Primeiro edifício especificamente construído para assistência hospitalar psiquiátrica em Portugal, exprime a histórica mudança de atitude da sociedade e da medicina perante o doente mental, verificada no século XIX. Uma importante inovação da psiquiatria desse tempo, ao nível dos países mais avançados, proporcionava banhos terapêuticos de diferentes tipos: de tina, de irrigação, de chuva, de duche ascendente e lateral, de estufa ou de fumigação.

Conservam-se tinas e banheiras, uma piscina, e duas instalações em forma de guarita cilíndrica, com depósitos no topo e tubagens concêntricas de cobre. Foi inaugurado pela rainha D. Maria II em Outubro de 1853, a que se seguiu uma prolongada visita ao hospital.

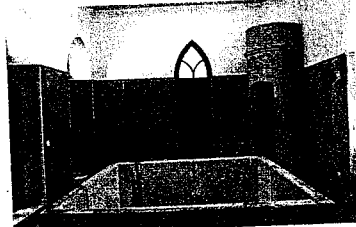
O edifício, de pendor romântico, conjuga de modo exuberante mas harmonioso diversas correntes estilísticas da época: revivalismo gótico (vãos de porta com arco quebrado), revivalismo renascentista (loggia com arcos de volta inteira), arquitectura do ferro e industrial (gradeamentos, sector das caldeiras), azulejaria de fachada, de cunho bem português. Em 2001 o IPPAR considerou-o imóvel de interesse público, em vias de classificação, atendendo ao seu elevado valor histórico e arquitectónico.

**Poço e Tanque**, da Quinta de Rilhafoles, anteriores à construção do Convento;

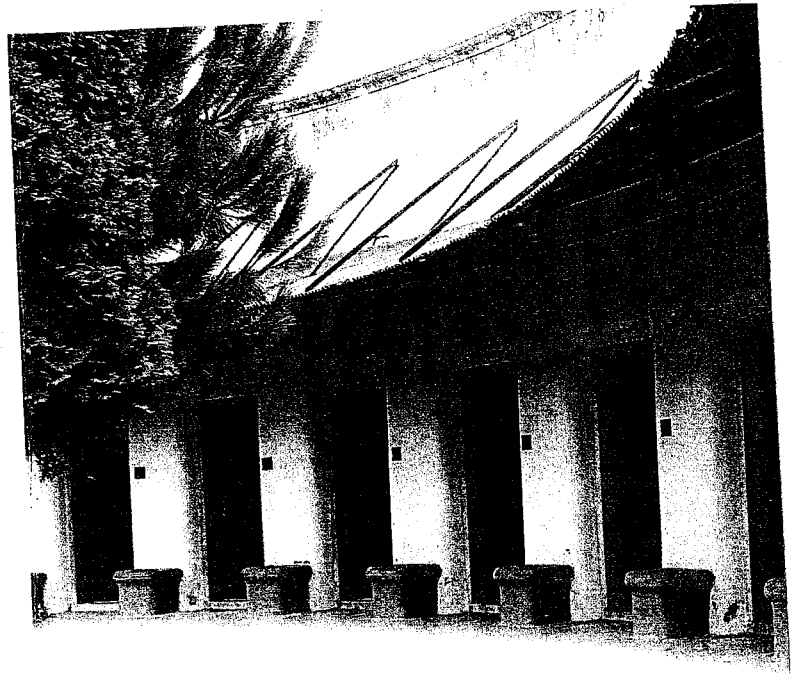
Balneário, aspecto geral



Tina de banhos semi-cúpios



Instalações de hidroterapia



**Salão Nobre**, com os seus belos painéis de azulejos barrocos;  
**Vasto Telheiro**, de madeira, ferro e telha, com 40m. de extensão e 8,5m. de altura, erguido por Miguel Bombarda para o passeio diário das mulheres internadas, posteriormente adaptado a armazém e salão de festas;

**Cobertura da Cozinha**, de forma piramidal, sustida por originais tirantes de ferro, com lanternim-respiradouro, da última década do século XIX;

**Gabinete do Director**, onde o Prof. Miguel Bombarda foi assassinado a 3 de Outubro de 1910.

Salão Nobre



Telheiro, detalhe



Cozinha, pormenor do tecto



### HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

Rua Dr. Almeida Amaral, nº 1  
1169-053 Lisboa (ao Campo Santana)  
Telefs: 21 317 74 00 / 21 317 74 35  
E-mail: hospital.miguel.bombarda@clix.pt

Março 2004.

Publicação patrocinada por

